

O Chamado à Liberdade

(Gálatas 5:13–15)

¹³Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. ¹⁴Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ¹⁵Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.

Versículo 13. Paulo escreveu: **Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade.** A conjunção “porque” (*γάρ, gar*) introduz a razão do que foi dito no versículo anterior, no qual o apóstolo desejou uma maldição para os judaizantes que estavam tentando desviar os gálatas da nova liberdade em Cristo para a velha escravidão da lei.

O tema “liberdade” corresponde à alegoria das duas alianças apresentada no capítulo 4. Nesse texto, Agar, a escrava, representa a aliança do Sinai (a lei), e Sara, a aliança celestial (o evangelho). Falando da aliança celestial, Paulo disse: “Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe” (4:26). E incluiu:

E, assim, irmãos, somos filhos não da escrava, e sim da livre.

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão (4:31; 5:1).

Os capítulos 4 e 5 evidenciam essa libertação da lei. Os judaizantes não tinham o direito de impor a lei mosaica às igrejas da Galácia nem a qualquer outra congregação do povo de Deus.

Paulo insistiu que os gálatas foram “chamados” para serem livres. Portanto, deveriam permanecer livres. Os escravos, às vezes, tinham a opção de se tornar livres (Êxodo 21:1–6; 1 Coríntios 7:21–23). Durante o reinado de Augusto, tantos escravos estavam sendo libertos, que ele julgou necessário apro-

var leis para desacelerar essa tendência no império.

No mundo antigo, um indivíduo se tornava escravo de muitas maneiras: 1) sendo capturado numa guerra; 2) sendo vítima de sequestro ou pirataria; 3) sendo comprado, especialmente por possuir habilidades especiais e 4) sendo abandonado na infância, recolhido numa casa e depois criado como escravo doméstico. 5) Crianças nascidas de escravas tornavam-se automaticamente propriedade das senhoras, donas de suas mães; eram escravas “nascidas em casa”¹. 6) Alguns indivíduos condenados em tribunais por crimes tornavam-se escravos do estado e eram usados para trabalho forçado. 7) Às vezes, por decisão própria, certos indivíduos assumiam as tarefas mais humilhantes ou perigosas (servindo até como gladiadores), desde que fossem bem pagos².

Os escravos também podiam ser libertados de várias maneiras, sendo estas enunciadas num complicado código de leis romanas chamado *Lex Aelia Sentia*³. A maioria dessas leis tinha a ver com vários tipos de alforria, um processo descrito por Thomas Wiedemann com estas palavras:

Um escravo é declarado alforriado [livre], quando seu proprietário segura a cabeça do escravo ou alguma outra parte do seu corpo e diz: “Eu quero que este homem seja livre” e depois retira a mão [literalmente, “deixando que ele saia de suas mãos”].⁴

Uma maneira intrigante de libertar escravos entre os

¹O grego para “nascido em casa” é *οἰκογενῆς* (*oikogenēs*). Esse tipo de escravo valia muito mais do que os adquiridos fora de casa.

²Thomas Wiedemann, *Greek and Roman Slavery*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1981, pp. 6–8.

³Ibid., p. 23.

⁴Ibid., p. 50.

gregos antigos era o rito de alforria sacral, a venda fictícia de um escravo a um templo pagão. No santuário de Apolo em Delfos, o visitante ainda hoje pode ver as inscrições gravadas no muro de contenção poligonal do templo, que documenta a venda desses escravos. Esses indivíduos passavam a ser oficialmente escravos do [referido] deus, porém, para todos os efeitos práticos, eram consideradas livres⁵.

É plausível a expectativa de que a propagação do cristianismo desencadeasse a libertação de muitos escravos por senhores cristãos sensíveis ao fato de que, na ótica divina, não há “nem escravo nem liberto” (3:28). Aparentemente, porém, pouco foi feito nos primeiros séculos cristãos para acelerar a abolição da escravatura.

Nenhuma evidência bíblica sugere que os cristãos dos primeiros séculos tenham ajudado a promover movimentos em favor da abolição ou de uma reforma governamental. Ao contrário disso, a instrução era para que os escravos se submetessem aos seus senhores e que os cristãos se submetessem aos seus governantes, como se estivessem todos servindo ao próprio Cristo (Efésios 6:5–8; Colossenses 3:22–24). Os senhores de escravos, por sua vez, eram admoestados a tratar seus escravos com justiça e consideração (Efésios 6:9; Colossenses 4:1). Onde há mudança de atitudes, é possível haver harmonia e paz até entre os que sofrem desigualdade social, desde que estejam em Cristo. É nesse terreno sólido que o Espírito de Deus exibiria o Seu efeito (1 Timóteo 6:1, 2)⁶. No contexto de Gálatas, Paulo estava exortando os cristãos a preservarem a liberdade espiritual em Cristo e não voltarem a se sujeitarem a um “jugo de escravidão” (5:1). Ele os advertiu: **Não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.** Ele estava bem consciente de quão perigosa a liberdade dinâmica poderia ser. E conhecia a tendência do homem não espiritual de transformar a liberdade em licença para pecar. Os sentimentos aqui são semelhantes aos que Paulo expressou à igreja em Roma. Logo após dar glória pela disponibilidade da abundante graça de Deus, o apóstolo perguntou: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que

⁵Ibid., pp. 46–47.

⁶Certamente, Paulo preferia a liberdade para todos os homens; porém, como no caso do escravo fugitivo Onésimo, ele aderiu às leis daquela época e devolveu o discípulo amado ao seu senhor (Filemom 10–16). Jesus nunca quis que Seu povo resolvesse problemas com violência. Ele disse a Pedro: “Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão” (Mateus 26:52).

seja a graça mais abundante? De modo nenhum!” (Romanos 6:1, 2a; veja Judas 4). Essas perguntas retóricas visavam esclarecer que a salvação pela graça de Deus mediante a fé do homem proíbe um cristão de viver imoralmente.

Um cristianismo que se baseia na “fé-somente” não pode agradar a Deus (veja Tiago 2:19). Os mandamentos que Jesus deu por intermédio dos apóstolos sobre obediência, serviço e sacrifício devem ser seguidos. Essas admoestações definem com eloquência o real significado de graça, fé e amor. No âmago da lei, bem como do evangelho, está o amor ἀγάπη (ágape)⁷.

Versículo 14. De todos os atributos espirituais que um filho de Deus deve desenvolver, o maior e mais supremo é o tipo de amor sobre o qual o apóstolo escreveu: **Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo**⁸. Assim como no versículo 13, a conjunção inicial “porque” (γάρ, gar) aqui introduz a razão para o que foi declarado antes. Os gálatas não deveriam usar a liberdade para dar ocasião à carne, e sim serem “servos uns dos outros, pelo [através do] amor” (5:13). Isso era verdade porque o amor é o cumprimento da lei.

Quando um perito em lei perguntou a Jesus qual era o maior mandamento da lei, Jesus respondeu:

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37–39).

Embora Paulo tenha dito aqui que a lei inteira se cumpre na observância deste segundo mandamento, ele certamente não estava contradizendo Jesus. Antes, estava citando um mandamento que era mais relevante àquela situação. A inclusão para amar o próximo levantava outro grande problema para os gálatas – o das relações interpessoais (Gálatas 5:15).

A lei era desprovida de poder para o indivíduo se corrigir. O comportamento ideal era de fato declarado na lei, nos dois grandes mandamentos sobre o amor citados por Jesus (Levítico 19:18; Deuteronômio 6:5). No entanto, foi o evangelho (a nova aliança) que deu o poder para transformar vidas, uma vez que “o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Romanos 5:5; veja Tito 3:4–6; 1 Pedro 1:22, 23). É

⁷Veja Mateus 7:12; 22:36–40; Romanos 12:9, 10; Tiago 2:8.

⁸Veja 5:22; 1 Coríntios 12:31—13:13; Colossenses 3:12–14.

por isso que Paulo concentrou-se no maior mandamento do amor aqui, pois era dessa virtude cristã que seus irmãos gálatas estavam carentes.

Versículo 15. Paulo emitiu este aviso: **Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.** Esta é a primeira indicação clara de que havia sérios problemas interpessoais entre os irmãos dessas igrejas. A linguagem usada aqui para descrever o potencial destrutivo do comportamento mútuo dos gálatas mostra que esses problemas eram extremamente graves. O leitor pode se surpreender ao encontrar um assunto tão sério inserido na segunda metade da carta. Embora a linguagem seja metafórica, não deixa de ser extremamente incisiva e surpreendente.

Apalavra grega traduzida por “morder” (*δάκνω, daknō*) ocorre somente aqui no Novo Testamento, mas aparece várias vezes na LXX. Na maioria dos casos, refere-se à picada de uma cobra⁹ e também aparece uma vez para o consumo de alimento (Miqueias 3:5) e uma vez para os credores que, metaoricamente, “mordiam” seus devedores (Habacuque 2:7).

“Devorar” (*κατεσθίω, katesthio*) também significa literalmente “comer” ou “engolir” (Mateus 13:4; Marcos 4:4; Lucas 8:5). É também usado metaoricamente para destruição (Marcos 12:40; Lucas 20:47). Em Apocalipse, as imagens são violentas; às vezes alguém ou algo é devorado por fogo ou por um dragão (Apocalipse 11:5; 12:4; 20:9).

A palavra grega traduzida por “destruídos”, *ἀναλίσκω (analiskō)*, retrata destruição total. Só ocorre aqui (metaoricamente) e em Lucas 9:54, com referência a um fogo consumidor do céu. A linguagem de Lucas remete a 2 Reis 1:1-12, em que Elias pediu fogo do céu e cento e dois homens enviados do perverso rei Acazias foram destruídos.

Até esta altura da carta, o foco da indignação de Paulo tinha sido o erro doutrinário e seus fomentadores (os judaizantes). Ao repreender o erro e a atitude dos judaizantes, Paulo também censurou os gálatas por aceitá-lo, chamando-os de “insensatos” (3:1, 3). Eles haviam esquecido os sinais miraculosos que acompanharam a pregação do apóstolo (3:5) e as consequências disso viriam, a menos que mudassem de comportamento. Paulo até os advertiu sobre o mau uso da nova liberdade em Cristo (5:13). Contudo, o apóstolo nunca se desviou muito do principal tema da carta: a escravidão sob a lei *versus* a

liberdade em Cristo.

Será que essas tensões se desdobrariam em dois partidos que, respectivamente, defenderiam e atacariam os judaizantes? As atitudes desses irmãos degradariam a ponto de constituírem a intolerância característica do legalismo, em vez de evoluírem para um espírito de misericórdia e graça? Seria isso, talvez, a milenar tentação de cultuar pessoas, mais tarde evidente em Corinto? Parece que jamais saberemos, porém é claro que algum fator ou fatores causaram divisão, destruindo o amor e interferindo na comunhão dessas igrejas. De qualquer maneira, estava na hora de Paulo finalizar o conteúdo doutrinário da carta e iniciar a aplicação prática. Era esse o padrão seguido pelo apóstolo em todas as suas cartas.

Extraindo Verdades de Gálatas 5

Libertos para Servir (5:13)

A luz de um cristão pode brilhar com mais intensidade por meio da humilde prática da servidão amorosa. Não basta falar das maravilhas da graça de Deus. A intenção divina, ao nos conceder a habitação do Seu Espírito, era que essa graça se manifestasse em nossas vidas no “fruto do Espírito”. Esse fruto vem da transformação que o Espírito opera em nossas atitudes e ações à medida que nos apropriamos da natureza espiritual de Deus.

Pedro falou das grandes promessas que Deus nos fez “para que por elas [nos tornemos] co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pedro 1:4; grifo meu). Devemos “nos revestir do Senhor Jesus Cristo” e “não ficar premeditando como satisfazer os desejos da carne” (Romanos 13:14; NVI). Todo crente que se tornou um cristão deve “despir-se do velho homem com suas práticas [más]” e “se revestir do novo homem, o qual está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador” (Colossenses 3:9, 10; NVI).

Paulo foi claro a respeito dessa coisa maravilhosa que Deus propôs ao enviar o Seu Filho. Mediante o Seu sacrifício, “as justas exigências da lei foram plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Romanos 8:4; NVI). Na experiência de acomodar o Espírito de Deus dentro de nós, conseguimos “fazer morrer os atos do corpo” (Romanos 8:13; NVI). Louvado seja Deus pela vitória que nos deu através do sangue de Jesus e do dom [dádiva, presente] do Seu Espírito Santo, que nos habilita a andar nEle.

⁹Gênesis 49:17; Números 21:6-9; Deuteronômio 8:15; Eclesiastes 10:8, 11; Jeremias 8:17; Amós 5:19; 9:3.